



## **TRAVESTILIDADE: A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PELE EM QUE SE HABITA**

Mariléia Catarina Rosa<sup>1</sup>  
Edna M. P. Kahhale<sup>2</sup>

**Resumo:** Objetivo deste trabalho é discutir a constituição da subjetividade através da construção do corpo na travestilidade a partir do referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica. Esta compreende que a travestilidade se expressa através da sua subjetividade individual e social que é construída numa relação dialética, num movimento contraditório entre corpo genético masculino e sua transformação na direção da estética feminina subvertendo o gênero biológico e social por meio do acesso a diferentes técnicas de programação de corpos e identidade de gênero.

**Palavras-chave:** travestilidade, subjetividade, gênero, sócio-histórica.

---

<sup>1</sup> Mariléia Catarina Rosa, Psicóloga Clínica, Mestranda em Psicologia Clínica no Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP - Brasil, pesquisadora do Grupo LESSEX.

E-mail: marileia\_psicologia@hotmail.com

<sup>2</sup> Edna M. Peters Kahhale, Equipe de Psicologia Sócio-Histórica Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Coordenadora do LESSEX (Laboratório de Estudos de Saúde e Sexualidade) Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, Pós Graduação em Psicologia Clínica – PUC/SP.

E-mail: ednakahhale@pucsp.br

Conceber o outro como um dos nossos semelhantes parece ser um comportamento cada vez mais difícil em nossa cultura. A mídia retrata a violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros – Grupo LGBT, que são vítimas de algum tipo de agressão motivada pela sua orientação afetivo-sexual, gerando discussões sobre a diversidade sexual e a homofobia. Este movimento contraditório possibilita visibilidade, porém não impede a dor psíquica para todos os integrantes do grupo LGBT incluindo as travestis.

A sexualidade, o sexo e o corpo sempre foram temas polêmicos e constituem-se em objeto de pesquisa e discussão teórica em diversas áreas do conhecimento ao longo de nossa história.

As possibilidades de sexualidade e as formas de expressar os desejos e prazeres são socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais que são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000).

O corpo objetivado, ganha sentido socialmente, a inscrição dos gêneros feminino ou masculino nos corpos é no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura (LOURO, 2000).

As diversas questões que atravessam este artigo encontram no corpo da travesti um ponto de convergência. Nele, a sua transformação, identidade e gênero se cruzam, formando sua subjetividade. Na história da sexualidade a travestilidade rompe com os padrões hegemônicos de masculino e feminino constituindo uma possibilidade de expressão da sexualidade e de identidade de gênero. Assim, a história da criação de corpos e identidades sociais é também uma história dos modos de produção da subjetividade. Desta forma, este trabalho se propõe a discutir a constituição da subjetividade através da construção do corpo na travestilidade a partir do referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica.

A Psicologia Sócio-Histórica fundamenta-se no materialismo dialético. Parte do pressuposto que tudo está em transformação, compreende que o ser humano como suas produções, são fenômenos estudados em sua historicidade. Nesta compreensão, sujeito e objeto são entendidos como uma unidade de contrários em movimento, uma construção dialética em que o sujeito é ativo e o objeto, em transformação (GONCALVES & BOCK, 2003).

Para compreender este processo histórico voltamos ao século XIX onde a sexualidade passa a ser investigada e marcada como dispositivo de controle e regulação

dos corpos. Seu desenvolvimento como objeto de estudo no capitalismo cumpre a função de controle dos corpos na linha de produção e adestramento para se tornarem disciplinados e dóceis. O biopoder aparece como regulação da população, e o dispositivo biopolítico como normatização dos prazeres. Esses dispositivos se intensificam por meio de alianças entre as instituições como religião, família e Estado. (FOUCAULT, 2010 [1975]).

A manipulação dos corpos é centrada nas técnicas de dominação para adestramento com o intuito de aumento da habilidade e docilidade de seus comportamentos. O corpo é visto como máquina com o objetivo de eficácia dos movimentos, sendo que Foucault atribui seu desempenho a mecânica do poder através das disciplinas:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, e gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2010 [1975] p. 133).

Assim, o corpo humano é objetivado e passa ser investigado e esmiuçado como uma maquinaria de poder que esquadrinha sua intimidade com objetivo de ter domínio sobre o corpo dos outros (FOUCAULT, 2010 [1975]).

Desta forma a sexualidade passa a ser investigada em cada existência, explorada em cada detalhe por meio da análise das condutas, dos materiais oníricos às pequenas desrazões desde a infância, torna-se a chave da individualidade, cuja constituição poderia ser analisada, não sendo possível pensar a subjetividade fora dos domínios da sexualidade (PERES, 2011).

O sexo e gênero passam a ser estudados dentro de um sistema binário macho e fêmea e seu desenvolvimento compreendido como categorias naturais dentro de premissas hegemônicas para perpetuar a espécie pautada em regras e normas da heteronormatividade.

Portanto para Foucault (2010[1988]) a sexualidade é um dispositivo histórico, uma invenção social, uma vez que se constitui historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades, sendo que é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe (LOURO, 2000). Para a

autora essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.

Outro autor que se insere nesta mesma linha de pensamento é Peres (2011) afirmando que o desenvolvimento da sexualidade não pode ser pensado como sendo categorias naturais, requer pensar que: “(...) existe algo mais do que corpos, órgãos, funções, sistemas anátomo-fisiológicos, sensações e prazeres. Existe algo que possui propriedades intrínsecas, assim como suas próprias leis: o sexo” (PERES, 2011 p. 95).

Podemos observar que nos últimos séculos os códigos e valores ligados ao sexo e ao comportamento sexual coincidem com transformações sócio culturais, econômicas e políticas estabelecendo novos padrões de conduta nos quais a travestilidade ganha visibilidade enfrentando os padrões hegemônicos.

As emergências de análises a respeito de novas expressões sexuais e de gênero que se evidenciam na contemporaneidade embaralham os códigos de inteligibilidade por se orientar em sistemas de pensamentos e de sensações binários, sedentários e universais, que nem sempre conseguem dar conta de suas análises fora das dimensões da patologia, do crime e do pecado (PERES, 2011).

Observamos uma transformação dos modelos hegemônicos que a sociedade vem sofrendo através dos movimentos LGBT, políticas públicas e direitos humanos, ganhando cada vez mais visibilidade. Isto possibilita um complexo processo de novas construções identitárias na sexualidade humana como é o caso da travestilidade, que subverte o gênero estabelecendo novas referências, considerando a contradição que se estabelece entre o sexo anatômico, a construção social de gênero e o padrão heteronormativo que predomina na sociedade vigente.

Desta forma a Psicologia Sócio-Histórica compreende o ser humano como um sujeito ativo, social e histórico e seu psiquismo investigado a partir das categorias fundamentais como atividade, consciência e identidade (GONCALVES & BOCK, 2003).

O psiquismo se desenvolve a partir da atividade sobre o objeto. Deste modo, é a partir da atividade do ser humano em um grupo social, em um determinado momento histórico que o possibilita tornar-se um indivíduo (GONCALVES & BOCK, 2003, Aguiar, 2001).

A subjetividade se constitui nas formas de pensar, sentir e agir mediada entre esses processos subjetivos e o aparato biológico humano, sendo que os processos

simbólicos, afetivos, biológicos, sociais, culturais, históricos são constitutivos, formando uma unidade (ROSA, 2003; GONÇALVES, 2001; REY, 2003).

Desta forma o corpo é sempre simbólico e significado, o sujeito constrói sentidos subjetivos a respeito da sua sexualidade. Podemos observar a transformação do corpo na travestilidade que é produzida através de seus significados e sentidos subjetivos compondo seu próprio gênero a partir do pensar, sentir e agir que ela tem internalizado do que é ser feminino (KAHHALE, 2001; 2003; 2011).

Essa maneira da travestilidade olhar para o corpo implica entendê-lo não apenas como um dado natural e biológico, mas, sobretudo, como produto de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura, um corpo generificado (KAHHALE, 2001; 2003; 2011).

Para as travestis o corpo não é algo que está dado a priori implica dizer que as marcas de gênero nele se inscrevem. Ele resulta de uma construção cultural sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, entre outros (KAHHALE, 2001; 2003; 2011).

Observamos que os processos de subjetivação individual na travestilidade estão sempre articulados de forma recíproca em que coexistem e integram os dois sistemas tanto no nível individual como no social, gerando consequências diferentes.

Desta forma a psicologia sócio-histórica compreende que a travestilidade se expressa através da sua subjetividade individual e social que é construída numa relação dialética, um movimento contraditório entre corpo genético masculino e sua transformação na direção da estética feminina subvertendo o gênero biológico e social por meio do acesso a diferentes técnicas de programação de corpos e identidades de gênero (KAHHALE, 2001; 2003; 2011).

Portanto as formas de subjetivação das diferenças individuais estão relacionadas com os modelos dominantes de subjetividade social e constituição social dos protagonistas (REY, 2003).

Podemos observar na constituição da subjetividade da travesti que está imbricada com o modelo heteronormativo da subjetivação social ao qual se insere em sua subjetivação individual os significados do modelo do binarismo de gênero, o que Rey (2003) considera como um conceito flexível e maleável para diferenciar os processos de produção de sentido e significados suscitados nas diversas áreas da vida social e de unificar formas históricas e atuais de subjetivação produzidas nestes espaços sociais. É entendida como um sistema complexo que exhibe formas de organização

igualmente complexa; a constituição da subjetividade na travestilidade está ligada aos diferentes processos de institucionalização e ação nos diferentes espaços da vida social, articulando elementos de sentido de outros espaços sociais que produzem níveis de complexidades como gênero, classe, raça, etnia entre outros.

REY (2003) ao introduzir a categoria de subjetividade social, tem a intenção de romper com a ideia de que a subjetividade é um fenômeno individual, deixando de ser visto como processos externos em relação ao indivíduo. Pelo contrário, são processos implicados dentro de um sistema complexo produzido de forma simultânea da qual a subjetividade social e individual, a travestilidade é constituinte e ao mesmo tempo constituída.

Desta forma a travestilidade constrói sua subjetividade, uma segunda pele na qual mostra toda sua performance feminina de acordo com os padrões hegemônicos heteronormativos do que é ser feminino.

Compreendemos que a maneira em que a travestilidade se assume diz respeito a subjetividade que é construída historicamente por este sujeito nas suas relações sociais e afetivas, sendo o psiquismo humano uma categoria flexível e maleável, na qual tudo pode ser diferente, de acordo com o momento histórico da experiência vivida. Aquilo que é normal em nossa sociedade é porque interessou ao ser humano valorizar e naturalizar, mas não é natural, nem eterno, está em constante movimento. Desta forma os modelos de normalidade e de saúde precisam ser considerados historicamente (AGUIAR, 2001; GONCALVES & BOCK, 2003; KAHHALE, 2003; REY, 2003).

Assim, a psicologia sócio-histórica possibilita compreender os fenômenos da travestilidade através da perspectiva da subjetividade que os constrói. Observamos que os processos de constituição da subjetividade na travestilidade são construídos no processo social e histórico no qual a travesti transforma seu mundo ao mesmo tempo em que transforma a si mesma. Isto implica falar da relação da travesti com seu mundo, na medida em que se vê indivíduo e sociedade em uma unidade dialética e em sua historicidade, sua subjetividade expressa às contradições contemporâneas sobre as possibilidades e a diversidade sexual.

Na travestilidade, o processo de constituição da subjetividade se expressa pelo estranhamento e uma complexidade de transformações em relação ao corpo genético, a construção de identidade de gênero do sexo de escolha e, conseqüentemente, utilização de roupas e expressões corporais condizentes com esta identidade de gênero.

No decorrer da história a travesti sempre esteve intrinsecamente relacionada à construção e desconstrução da corporalidade, numa variável de práticas flexíveis relacionadas às vestimentas femininas.

É possível encontrar uma série de definições para o termo travesti ou travestilidade. Apesar da diversidade conceitual, observamos que a referencia ao uso de roupas e transformação do corpo em direção ao sexo oposto é um elemento presente em todas as conceituações com cunho patológico ou não.

Na travestilidade a transformação do corpo é uma consequência do desejo de tornar-se mulher, o mais próximo do feminino uma vez que para as travestis este desejo nunca será alcançado de fato. Ser uma mulher de verdade para as travestis diz respeito a ter útero e reproduzir, o que não é o desejo delas (PERES, 2005; PELÚCIO, 2007; DUQUE, 2009).

É um movimento contraditório entre o corpo genético masculino e a busca das formas idealizadas do feminino na constituição da subjetividade na travestilidade, que é objeto de desejo, utilizando-se de todas as técnicas disponíveis como hormonioterapia, silicone industrial, prótese, cabelos, unhas, roupas, acessórios, tudo que for do campo do feminino, segundo os parâmetros das relações de gênero e de estética, numa mistura que se entrelaça entre a dor e a beleza de ser o que se deseja ser.

Este processo de transformação é o que Ciampa (2008) chamou de metamorfose; no entanto a travesti se (re) constrói no decorrer da construção de seu corpo numa mesmice, uma cristalização pela busca de igualdade de uma identidade já estabelecida pela sociedade midiática, às formas arredondadas do corpo feminino.

Nesta vivencia a travestilidade aponta para a multiplicidade de experiências constitutivas de sua subjetividade ligada à construção e desconstrução dos corpos. Para Pelúcio (2004) a travestilidade tem seu corpo moldado por processos que vão da decoração à destruição tornando-se uma matriz de significados sociais: desde a escolha de um estilo de roupa, depilação, acessórios até a ruptura familiar. Configura-se como sendo um rito de passagem articulando os planos físico, psíquico e social imbricados em um plano simbólico que expressa o conjunto de práticas estruturadoras de sua subjetividade na experiência humana de ser travesti (PERES, 2005; PELÚCIO, 2007; DUQUE, 2009).

Assim subjetividade e corporalidade encontram na sexualidade seus conflitos discursivos sobre verdades e padrões corporais para cada gênero a partir do padrão do modelo heteronormativo de controle corporal. Estas técnicas de disciplina corporal

assujeitam e criam corpos padronizados e modos de produção da subjetividade controlada.

Neste processo de constituição da subjetividade, a construção da identidade de gênero, podemos observar desde muito cedo que a família é o primeiro lócus de socialização, na qual os atores reproduzem os comportamentos apreendidos como naturais da norma hegemônica que é expressa em toda a variedade de contextos sociais tendo participação efetiva dos membros familiares na sua estruturação.

Como expressão no corpo a produção de sexualidade é descrita como o nome que se pode dar a um dispositivo histórico em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de poder e saber.

Assim, pensar a constituição da subjetividade na travestilidade requer ir além da referência ao uso de roupas femininas e transformação de seu corpo para a construção de sua identidade, que é sempre múltipla e descontínua, constituída por variações infinitas de possibilidade, uma multiplicidade de expressões sexuais e de gênero.

Concluimos que na travestilidade o processo de constituição da subjetividade se expressa pelas relações de poder e saber num estranhamento e construção de complexas transformações em relação ao corpo genético, a construção de identidade de gênero do sexo de escolha e, conseqüentemente utilização de roupas e expressões corporais condizentes com esta identidade de gênero. A construção estética do corpo da travestilidade é o produto final de uma série de processos de produção de subjetividades, que a marca da sexualidade encontra um caminho para transitar em seu contexto sócio-histórico-cultural.

### **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, W.M.J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A.M.B et al. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 95 – 110.

BENEDETTI, M. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. 2000. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.



DUQUE, T. **Montagens e desmontagens: vergonha e estigma na construção das travestilidades na adolescência.** (2009). 176 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2010[1988].

FOUCAULT, M. História da Sexualidade II: uso dos prazeres. 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2010[1988].

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. 38ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010[1975].

GONÇALVES, M.G.M.; BOCK, A.M.B. Indivíduo-sociedade: uma relação importante na psicologia social. In: BOCK, A.M.B. et al. **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P. 41 – 99.

GONÇALVES, M.G.M. A Psicologia como Ciência do Sujeito e da Subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, A.M.B et al. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. P. 53 -73.

LOURO, G.L. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado (org.).** 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000. p. 7 – 34.

KAHHALE, E.M.P. “Subsídios para reflexão sobre a sexualidade na adolescência.” In: BOCK, A.M.B et al. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 179 – 191.

KAHHALE, E.M.P. “Psicologia na saúde: em busca de uma leitura crítica e de uma atuação compromissada”. In: BOCK, A.M.B. et al. **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 161 – 191.

KAHHALE, E.M.P. Parâmetro de análise: subjetividade social e individual. In: Conselho de Psicologia(org). **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos.** 1ª ed. Brasília: CPF, 2011. v.1, p. 201 – 209.

PELÚCIO, L.M. Travestis, a (re) construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. - **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 8, v.15, n.1, pp. 123-154, 2004.

PELÚCIO, L. **Nos nervos, na Carne, na Pele – uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS.** 2007. 313 f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PERES, W. S. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania.** 2005. 202 f. Tese de doutorado (Programa de Pós - Graduação em saúde coletiva) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PERES, W.S. Tecnologias e programação de sexo e gênero: apontamentos para uma Psicologia política QUEER. In: Conselho Federal de Psicologia (org.). **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos.** 1ª ed. Brasília: CPF, 2011, v. 1, p.89 – 105.

REY, F.L.G. **Sujeito e Subjetividade:** uma aproximação histórica-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ROSA, E.Z. Psicologia na saúde mental: em busca de uma leitura crítica e de uma atuação compromissada. In: BOCK, A.M.B. et al. **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 192 – 210.